



**INSTITUTO BRASILEIRO DE ENSINO, DESENVOLVIMENTO E PESQUISA  
CURSO DE JORNALISMO**

**REFLEXOS DA NARRATIVA: A influência do Jornal *DF Alerta* na  
construção de estigmas de violência sobre os moradores negros da Ceilândia**

Alanna Melissa da Conceição Nascimento

Brasília – DF  
2024

ALANNA MELISSA DA CONCEIÇÃO NASCIMENTO

**REFLEXOS DA NARRATIVA: A influência do Jornal *DF Alerta* na construção de estigmas sobre os moradores negros da Ceilândia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa – IDP.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Máira de Deus Brito

Brasília – DF  
2024

ALANNA MELISSA DA CONCEIÇÃO NASCIMENTO

**Reflexos da narrativa: A influência do Jornal *DF Alerta* na construção de estigmas sobre os moradores negros da Ceilândia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa – IDP.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maíra de Deus Brito

Brasília, 04 de Novembro de 2024.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr<sup>ª</sup>. Maíra de Deus Brito

---

Prof. Dr. Vinicius Pedreira Barbosa da Silva

---

Prof. Ms. Rosângela Barbosa da Silva

*Dedicatória*

À minha mãe, Júlia, e ao meu pai, Juvenal (*in memoriam*), que me ensinaram a lutar para que meus sonhos se tornassem realidade. Essa monografia é a realização do maior deles.

## AGRADECIMENTOS

Essa é a primeira página com conteúdo que aparece nessa monografia, ironicamente ou não, esse é o último tópico que escrevo antes de finalizar esta pesquisa. Parece um sonho estar realmente escrevendo os agradecimentos para todos, e é uma longa lista, que me acompanharam nessa grande jornada, então vamos lá.

À minha mãe, Julia, cujo amor e força me motivaram a chegar até aqui. Sem sua proteção, eu não teria chegado tão longe.

Ao meu pai, Juvenal (*in memoriam*), que sempre me incentivou a correr atrás daquilo que é importante para mim. Espero que esteja orgulhoso de onde consegui chegar.

À minha irmã, que eu carinhosamente chamo de Jubs, por ser minha âncora nos momentos que pensei em desistir, ser sua irmã é uma das alegrias da minha vida.

À minha orientadora, Maíra Brito, por me auxiliar nesse trabalho e por todos os ensinamentos ao longo desses meses. Você é uma das minhas inspirações como profissional e como ser humano.

À todos os meus professores durante a graduação, por estarem sempre dispostos a ajudarem e por todo o incentivo, principalmente, Vinicius Pedreira e Rosângela Silva.

Ao Erik e ao Gabriel, por me escutarem e me acolherem meses a fio durante a escrita deste trabalho, o apoio de vocês significou o mundo para mim, vocês são os melhores amigos que eu poderia ter.

Aos meus amigos de faculdade - e futuros colegas de profissão - Emanuelle Leones, Isac Mascarenhas e Willams Meneses, por terem feito esse momento ser leve apesar de caótico, não escolheria outras pessoas para dividir essa etapa tão importante.

À todos meus amigos que acompanharam alguma parte dessa trajetória até aqui e que sempre acreditaram em mim, mesmo quando eu duvida, sem vocês não teria conseguido.

E por fim, à Alanna de 10 anos de idade que sonhou em um dia ser a voz do "carinha" que ficava falando nas transmissões de jogo na beira do campo, obrigada por não deixar ninguém destruir seu sonho.

*O cidadão de bem, dá um tiro do bem  
Com sua arma do bem, no suspeito do mal  
Que não matou ninguém e não roubou ninguém  
Mas adivinha quem é o vilão do jornal?*  
**(Cesar MC)**

## RESUMO

A presente pesquisa busca analisar a influência do telejornal *DF Alerta*, um dos únicos telejornais policiais do Distrito Federal (DF), na criação de estigmas de violência, sobretudo sobre moradores negros, da região administrativa de Ceilândia, a maior cidade do DF. A linguagem e recursos audiovisuais utilizados para representar os moradores da cidade, e a cidade propriamente dita, nas edições do programa são considerados nesta análise. Este trabalho, apesar de ter embasamento em fundamentos e teorias do Jornalismo, perpassa por áreas da Psicologia e da Sociologia para explicar não somente a percepção dos brasileiros sobre o telejornal, mas também as influências socioculturais na formação de opinião sobre corpos negros durante toda a história do país.

**Palavras-Chave:** Ceilândia; Estigma; *DF Alerta*; Narrativas Jornalísticas; Sensacionalismo.

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze the influence of the television news program DF Alerta, one of the few police news broadcasts in the Federal District (DF), on the creation of violence stigmas, particularly concerning Black residents of Ceilândia, the largest city in the DF. The language and audiovisual resources used to portray the city's residents and the city itself in the program are examined in this analysis. Although this study is grounded in journalism principles and theories, it also intersects with psychology and sociology to explore both the perceptions of Brasília residents regarding the news program and the sociocultural influences on the formation of opinions about Black individuals throughout the country's history.

**Keywords:** Ceilândia; Stigma; DF Alerta; Journalistic Narratives; Sensationalism.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Abertura do *DF Alerta*

Figura 2 – Pafôncio Onorato, o “velho xibungo”

Figura 3 – Balanço criminal anual da SSP/DF

Figura 4 – Nuvem de palavras mais utilizadas nas reportagens

Figura 5 – Distribuição de faixa etária e audiência dos entrevistados

Figura 6 – Consumo do jornal por quem assiste

Figura 7 – Distribuição de local e audiência dos entrevistados

Figura 8 – Opinião de quem já assistiu o jornal e associação a corpos/locais

## **GLOSSÁRIO DE SIGLAS E ABREVIACÕES**

DF - Distrito Federal

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEDF - Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal

SSP/DF - Secretaria de Estado de Segurança Pública do Distrito Federal

VT - Videotapes

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
1.1 Contextualização do tema	11
1.2 Pergunta norteadora/problema	11
1.3 Hipótese	12
1.4 Objetivo geral	12
1.5 Objetivos específicos	12
1.6 Justificativa	12
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>13</b>
2.1 Narrativas Jornalísticas: Jornalismo policial	13
2.1.1 O jornal DF Alerta	15
2.2 Estigmas e representações sociais midiáticas	17
2.2.1 A periferia na mídia	19
2.2.2 A representação midiática afrodescendente	21
2.3 Linguagem e persuasão	23
<b>3. METODOLOGIA CIENTÍFICA</b>	<b>25</b>
3.1 Natureza e objetivo da pesquisa	25
3.2 Abordagem	25
3.3 Coleta dos dados	26
<b>4. ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>27</b>
4.1 As reportagens	27
4.2 A percepção dos brasilienses	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>40</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Contextualização do tema

Os telejornais policiais, ao selecionar determinados temas, enfoques e imagens, podem desempenhar a disseminação e reforço de estigmas associados a comunidades periféricas brasileiras. Acredita-se que a mídia sustenta narrativas que estigmatizam os moradores dessas regiões, contribuindo para a construção de estereótipos, principalmente, sobre jovens negros periféricos.

Esses estereótipos são criados por vários fatores que, em suma maioria, são moldados a partir da forma como o indivíduo está inserido na sociedade, levando em conta seus valores, visões e, também, suas bolhas informacionais. Para Moscovici (2007, p. 32), “no que se refere à realidade, essas representações são tudo o que nós temos, aquilo a que nossos sistemas perceptivos, como cognitivos, estão ajustados”.

É comum que esse estilo de telejornal se descreva como um diário do cotidiano da cidade. Ao mostrarem, majoritariamente, casos de violência urbana e raramente pautarem algo sobre cultura e lazer nessas cidades, os moradores da cidade se reduzem a aquele espaço de violência, mesmo sendo somente um recorte de uma situação ambientada naquele local. Para Cornils (2016, p.10) a rapidez, a fragmentação, a falta de contexto, a colocação em primeiro plano de informações secundárias são truques de prestígio - nesse caso da falta dele - de uso constante, que criam os campos imaginários daquilo que alguns teóricos chamam de guerras culturais<sup>1</sup>.

Desse modo, o *DF Alerta* e a sua narrativa em volta da região administrativa Ceilândia, uma das principais periferias do Distrito Federal (DF), surge como protagonista nessa análise, uma vez que, na capital do país, é um dos telejornais que diz relatar o cotidiano nas ruas do DF.

### 1.2 Pergunta norteadora/problema

---

<sup>1</sup> Para Melo & Vaz (2021) são os conflitos morais que os debates atuais geram onde “a forma binária da discussão reduz a diversidade de perspectivas, ao mesmo tempo em que a uniformidade de cada grupo parece ser maior do que efetivamente é: perspectivas divergentes não são expressas pela necessidade de combater o ‘inimigo’ – e para não se tornar o ‘inimigo’” (Melo & Vaz 2021, p.13)

Como se configura a construção de estigmas raciais de violência acerca dos moradores negros da Ceilândia a partir da linguagem utilizada no telejornal *DF Alerta*?

### **1.3 Hipótese**

A hipótese levantada é que, a partir da linguagem utilizada para apresentar a notícia na fala da âncora, repórteres e comentaristas, principalmente, no modo como se referem aos infratores e nas imagens e sonoras utilizadas durante as reportagens, o sentimento de aversão e medo para com os moradores da Ceilândia é potencializado, sobretudo sobre a parcela negra da população ceilandense. Sentimentos esse que estão presentes no subconsciente da população graças não só ao racismo estrutural na sociedade, mas que também é permeado pelo indivíduo a partir da sua inserção e interação com os ambientes e bolhas sociais inseridas.

### **1.4 Objetivo geral**

Analisar se a cobertura de um jornal aumenta, de alguma forma, o estigma violento sobre a periferia, sobretudo a parcela negra, tendo como objeto de estudo o jornal *DF Alerta* e a forma como eles noticiam casos sobre a Ceilândia. A partir do olhar dos moradores do Distrito Federal, entender a influência do telejornal na construção de opinião sobre os moradores negros da Ceilândia.

### **1.5 Objetivos específicos**

- Apresentar, com base na pesquisa bibliográfica, como a linguagem usada pelos telejornais para se referir a cidade pode, ou não, interferir em como a população constroi sua visão e percepção sobre o mesmo espaço;
- Expor o conceito de estigma e como, historicamente, a opinião pública sobre as periferias brasileiras foi moldada por meio desse olhar estigmatizado;
- Entender o efeito que essa representação causa, tanto no olhar dos moradores da Ceilândia, sobre a representação da própria comunidade na televisão, como no imaginário de moradores de cidades que compõem o Distrito Federal.

## 1.6 Justificativa

Antes de tudo, quero levantar um ponto importante sobre o porquê de ter escolhido esse tema como objeto dessa monografia. Veja, eu sempre fui uma pessoa conhecida por falar sobre esportes e, talvez, por isso, as pessoas que me conhecem e que estão lendo esse trabalho devem estar se perguntando o motivo pelo qual eu escolhi um tema que não tem "nada a ver com esporte", mas também sabem que, de alguma forma, não poderia ter nenhum tema que fosse tão relacionado a mim quanto esse.

A justificativa para esta pesquisa reside na relevância social e no impacto potencial das representações midiáticas na formação de estigmas sobre comunidades periféricas. Por isso, a escolha deste tema parte da ideia sobre como o jornalismo e a mídia podem auxiliar na perpetuação de estigmas sobre os grupos marginalizados. O debate sobre o assunto é necessário, uma vez que, o histórico da grande imprensa pode ser questionável quando o assunto é falar sobre pautas humanitárias. Além disso, entender o porquê desse gênero de telejornal ser tão popular entre a parte marginalizada da sociedade é essencial para pensar em questões como a aproximação com a realidade dessas pessoas em específico.

Em tempos em que o discurso de ódio contra as minorias políticas se faz tão presente, ter um olhar crítico acerca de como os jornalistas e comunicadores podem agravar essa narrativa, é indispensável. É, também, necessário entender e avaliar como algumas falas se tornam um fato indiscutível apenas por haver algum grau de apreço por quem fala. Ademais, a pesquisa busca preencher lacunas no entendimento acadêmico sobre o papel específico do *DF Alerta* nesse contexto, contribuindo para a literatura existente sobre a mídia e a estigmatização social em telejornais.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

As favelas/periferias, apesar de serem noticiadas sempre em lugares de violência e terror, é também espaço de cultura, arte e ciência. Os estereótipos criados sobre os moradores, principalmente os negros, diminuem drasticamente o poder de acesso desses em outros locais, além de ajudar a potencializar questões de racismo, elitismo e de misoginia/machismo.

Ao longo deste trabalho, tentarei explicar (e principalmente entender) como se dá o processo de criação de estigmas no imaginário de moradores do Plano Piloto sobre os ceilandenses negros, a partir da exposição da cidade e seus devidos moradores, no jornal policial *DF Alerta*. Além de buscar compreender como os próprios moradores pensam sobre si a partir das representações na mídia.

## **2.1 Narrativas Jornalísticas: Jornalismo policial**

No Brasil, além dos jornais, que irei chamar de jornais gerais (aqueles que sua programação é um apanhado geral de fatos tanto nacionais como internacionais como o *Jornal Nacional*, *Fala Brasil* e tantos outros), existem os jornais locais – programas conhecidos por terem uma proposta de noticiar o cotidiano da cidade em que é apresentado.

A grande questão é que dentro dessa categoria, encontram-se os jornais policiais cuja característica é “a denúncia de ocorrências policiais e o acompanhamento detalhado de cada caso apresentado” (Romão, 2013, p. 33), ou seja, o foco é na violência que ocorre por todo o estado mas, principalmente, nas cidades à margem, onde políticas públicas de direitos básicos como educação e cultura são escassas, ou nem mesmo existam nesses locais. O foco na violência tem como a justificativa de ser um jornal que relata de fato a realidade dessas cidades.

Tais telejornais policiais nem sempre se colocam nessa categoria, apesar de deixar isso bem nítido por meio das escolhas de pauta, que majoritariamente são sobre casos de violência. O fato de toda vez que o espectador assistir ao noticiário, consumindo somente conteúdos sobre criminalidade, vai interferir na noção sobre o espaço relatado do consumidor daquela informação. Isso porque, para o psicólogo Serge Moscovici (2007, p. 31) nossas reações aos acontecimentos são definidas a partir das representações que temos da realidade<sup>2</sup>.

Outra particularidade desse tipo de programa é a tendência em usar dos recursos sensacionalistas como trilha sonora ao fundo das reportagens e a escolha das palavras para as manchetes sempre com a finalidade de atrair e gerar algum tipo de identificação com o telespectador. Para Periago (2004, p. 5), a espetacularização da notícia policial, por meio de métodos extraídos do

---

<sup>2</sup> A representação do fato no noticiário está sendo considerada aqui como realidade.

sensacionalismo, hiper-realismo e da dramaturgia, vulgariza a TV, diminui a credibilidade do jornalista e falseia o conteúdo do fato diante da realidade.

Ademais, os apresentadores ao mesmo tempo em que buscam passar uma imagem de objetividade e imparcialidade, já que o lema destes telejornais são mostrar a realidade em fatos, por meio do tom de voz firme e as roupas sempre sociais, também expressam suas opiniões sobre os suspeitos de cometerem os crimes reportados, sempre utilizando adjetivos pejorativos em suas sentenças. Além das próprias frases, Romão (2013, p. 15) afirma que no timbre de voz desses apresentadores “pode-se notar a raiva dirigida aos executores dos crimes noticiados e seus pedidos de justiça soam como um pedido de vingança”.

Essas ações despertam no telespectador, não somente o sentimento ambíguo de ódio por não terem políticas de segurança eficientes – já que todo dia são apresentadas as mesmas cenas violentas, pois o que muda é sempre “os criminosos” destas reportagens – mas também de insegurança e medo de visitarem o mesmo lugar e serem vítimas de alguma brutalidade.

### **2.1.1 O jornal *DF Alerta***

Criada em 21 de abril de 1960, a TV Brasília é, atualmente, afiliada da RedeTV!. Em 2011, o canal brasiliense colocou no ar o *DF Alerta* com uma proposta de documentar e relatar o cotidiano dos moradores das cidades do Distrito Federal e do entorno. Precisamos levar isso em conta para entender as nuances que irei discorrer ao longo dessa pesquisa, isso porque entender a proposta do jornal é, segundo Nilson Lage (2001, p. 7), “a primeira pista para o entendimento de seu lugar na cultura contemporânea, a compreensão de sua linguagem e a investigação de sua história”.

Em algumas edições do programa, o âncora se refere ao telejornal como um jornalismo realidade, a trilha de abertura do jornal consta o bordão o “diário oficial das ruas” e seus repórteres sempre usam algum bordão que remete a como eles se preocupam em retratar a realidade das ruas do DF e do entorno.

**Figura 1** – Abertura do *DF Alerta*





Fonte: Reprodução/Internet

No *DF Alerta*, assim como os outros em telejornais policiais, existe a presença de convidados que irão expor suas opiniões sobre os casos noticiados, mas que refletem também a opinião do apresentador. No caso do *DF Alerta*, essa presença se dá na forma de personagens caricatos como o Pafôncio Onorato, mais conhecido como "velho xibungo", personagem masculino que sempre tece suas opiniões ridicularizando os possíveis culpados.

**Figura 2** – Pafôncio Onorato, o “velho xibungo”



Fonte: Reprodução/Internet

A existência de um personagem ou convidado real para comentar sobre os casos, agrega credibilidade para o jornal – caso o comentário seja feito por alguém considerado especialista. No caso do *DF Alerta* é um jornalista que trabalha há muitos anos no ramo de jornalismo policial, e faz com que o âncora o papel descrito exerça o papel descrito como "o observador que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece, cauteloso em não emitir opiniões pessoais" (Traquina, 2020), de forma que, a imparcialidade esperada por parte do apresentador – para quem assiste, seja entregue, mesmo que parcialmente, uma vez que isso não quer dizer que não haja um posicionamento do apresentador enquanto ele relata o que aconteceu.

É de conhecimento geral que o jornalismo possui diversas áreas e vertentes para serem exploradas, o jornalismo esportivo, o jornalismo político, etc. Existe também, uma vertente, ainda muito debatida sobre sua “validade” quanto a ser realmente uma área de atuação jornalística: alguns pesquisadores, como Cunha (2022) chamam de jornalismo cidadão, onde a sociedade aparece com um potencial criador de notícias mas de forma amadora. Aqui, chamarei de *jornalismo participativo*, pois acho que é o termo que mais se adequa ao que essa esfera é, uma participação da sociedade na produção de notícias.

Com o avanço tecnológico, as redações dos jornais precisaram adaptar suas rotinas de produção e apuração da notícia e, com isso, o telespectador que antes tinha poucas formas de interação com o jornal, como a carta, o telefone e o fax, agora passa a ser uma das principais fontes para apuração de pautas para o jornal, a partir dos registros de imagens de crimes (por meio de smartphones) que acontecem próximos a sua localidade. Para Frazão & Brasil (2013, p. 114),

Mesmo sem o conhecimento técnico e teórico adquirido pelos profissionais de imprensa nas faculdades de jornalismo, o público passa a ser uma opção para os veículos tradicionais que, inclusive, investem na capacitação do telespectador como produtor de notícias. (Frazão & Brasil, 2013, p. 114)

Essa inserção do telespectador como colaborador, e não somente consumidor das notícias, contribui para o estreitamento dos vínculos entre emissor e receptor da notícia pois, nesse caso, o receptor dita, direta ou indiretamente, informações que acham pertinentes para conhecimento público e sentem que foram importantes de alguma forma. Essa participação, de forma alguma, retira a

necessidade de todos os processos de apuração e checagem que caracterizam as etapas de produção da notícia.

## 2.2 Estigmas e representações sociais midiáticas

O estigma está associado ao desconhecido, a algo que se não conhece profundamente e está tendo o primeiro contato, é a opinião formada com as informações iniciais, as primeiras impressões sobre algo ou alguém, por isso, é mais complexo estigmatizar algo ou alguém que você já tenha conhecido. Para Goffman (2004, p. 6),

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso. (Goffman, 2004, p.6)

Boa parte da estereotipagem atual de corpos negros teve influência na forma como os negros foram retratados durante a escravidão, sendo essa utilizada como forma de manutenção do sistema escravagistas e, que continua presente na ordem social atual. A própria construção dos personagens marginalizados nas novelas é fundamentada em ideais estereotipados e estigmatizados sobre a vivência nas periferias do país. Para Sepeda (2020, p. 66), esse ciclo de estigmatização se inicia a partir da aceitação do público, percebida pela própria linha editorial – o que não significa que houve pesquisa que comprovasse essa aceitação.

Cultural e historicamente, a imagem do negro sempre foi relacionada como o oposto do branco, naquilo que Hall (2016) irá caracterizar como oposições binárias<sup>3</sup>. Logo, se brancos são parte integrante de uma maioria política, aquilo que não foi semelhante a eles será excluído socialmente, e para Hall (2016), será classificado como o “Outro”<sup>4</sup>. Essa estereotipação, para Hall (2016),

Se apossam das poucas características “simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa; tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são, depois, exagerados e simplificados. Este é o processo que descrevemos anteriormente. Então, o

---

<sup>3</sup> Hall (2016) discursa em seu livro *Cultura e representações* que há uma dicotomia em que brancos estão atrelados a seres civilizados e negros a indivíduos selvagens, brutos. Não apenas isso como também a questão racial está dividida, nesse momento, entre negros e brancos.

<sup>4</sup> O Outro para Hall (2016, p. 192), se configura como todos aqueles que não se encaixam dentro da categorização de normal, é o “pervertido”, o “patológico”, tudo aquele que vai contra a ordem social.

primeiro ponto é que a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a "diferença". (Hal, 2016, p. 191)

Para Postman (1985), a maioria das notícias que consumimos é inerte, ela consiste em dar algo para ser falado e debatido por nós durante um período, mas não significa nada em termos de ação social. Algo realmente presente dentro desse estilo de programa, a violência representada repercute na boca e nos debates em rodas de conversa, criam um sentimento de insegurança na população sobre o lugar retratado mas dias depois o assunto morre e outro crime, ainda mais violento, começa a repercutir sabendo que nada será feito para o combate na sociedade.

A sociedade brasileira, sobretudo a classe média e média alta, construiu sua visão e posicionamento acerca dos moradores periféricos baseados no que ouviam outras pessoas falarem e, principalmente, no que a mídia apresentava para o público, tanto em obras fictícias como as novelas, como em telejornais diários. Para Soares (2015):

Ao tratarmos dos estigmas, não nos referimos – ingenuamente – à dualidade pressuposta no binômio eu/outro, mas a uma tríade não linear que pressupõe, nas relações humanas, um terceiro lugar – comum aos dois outros, mas de forma assimétrica – a partir do qual o campo das relações sociais é demarcado. (Soares, 2015, p. 32.)

Se todas, ou quase todas, as informações e representações midiáticas que temos sobre a Ceilândia são sobre crimes, é fácil moldar o pensamento acerca do ambiente de forma negativa. Isso não quer dizer que na Ceilândia não aconteçam crimes, porém, essa constante representação amplifica e faz com que a cidade pareça mais perigosa do que realmente seja.

A falsa sensação de representação de determinado espaço/local, nesse caso em específico, a Ceilândia, faz com que se crie uma sensação de insegurança no imaginário de todos que consomem o jornal diariamente, ou que apenas escutam relatos das notícias por quem assiste, uma vez que todo o conteúdo exposto sobre o local perpassa por cenários de violência extrema. Para Moscovici (2007), essas representações sustentadas pela mídia “constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros”.

As notícias do *DF Alerta* raramente refletem algo que não seja um crime brutal, se o jornal reflete a realidade então a realidade das ruas do Distrito Federal

se resume à criminalidade e violência? Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2023, o Distrito Federal ocupa o terceiro lugar no ranking de menores taxas de homicídios. Se todo o contato do espectador é com a violência urbana, para eles, o DF, sobretudo os locais chamados de cidades satélites (espaços mais afastados do centro de Brasília), não é uma cidade segura.

### **2.2.1 A periferia na mídia**

Ao contrário do que propunha a teoria do espelho, primeira teoria jornalística, o jornalismo não é uma representação total da realidade e, sim, uma construção, ou seja, a definição de realidade é subjetiva pois varia de acordo com a experiência individual com o instante ocorrido. Esse fato acaba sendo uma problemática se levado em conta que muitos acontecimentos que são de interesse público (e do público também) mas não é do interesse daquele que controla as grandes mídias não será veiculado e “desse modo, hoje algo passa a existir ou deixa de existir, sociologicamente falando, se é midiado, ou não” (Guareschi, 2007, p. 9).

O enquadramento escolhido pela mídia para abordar, ou não, determinado assunto relacionado às favelas é um fator importante para pensar o impacto que o jornalismo tem na construção de opinião da sociedade a partir da representação dos moradores pretos em um recorte de pauta. Para Rocha (2017, p. 8), estas representações se referem à seleção de determinadas versões do fato, dentre muitas outras, o que acaba por construir uma interpretação particular da realidade. “As subjetividades criadas em relação aos moradores dos espaços segregados passam a guiar não só as atitudes dos moradores das outras partes da cidade, mas também as atitudes do próprio grupo estigmatizado.” (Rocha, 2017, p. 8)

Essa constante representação das periferias somente no caderno de cidades e, raramente, no caderno de cultura é criar, no imaginário de quem não vive na área, um lugar marginalizado e violento, isso só aumenta ainda mais o preconceito contra os moradores dessas comunidades. Dessa forma, algo não relacionado a violência, seja homicídio ou uma invasão policial acontecendo na periferia, dificilmente será reportado na grande mídia ou em qualquer outro lugar senão em portais independentes e/ou da própria comunidade, “as pessoas que aparecem na mídia são as que existem e são importantes, dignas de respeito” (Guareschi, 2007, p. 10).

A Ceilândia é a maior região administrativa do Distrito Federal, com 350,7 mil habitantes, segundo dados de 2022 do Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF). A cidade surge como uma forma de retirar do centro da capital todos aqueles que não possuíam o perfil, nem o poder aquisitivo, para ocupar aquele local e, por isso, se espalharam ao redor do centro urbano do “quadradinho”. O nome é composto pelo prefixo Cei (Campanha de Erradicação de Invasões) + lândia (cidade), assim, a região surge a partir da ação, do até então governador do Distrito Federal, Hélio Prates, como a primeira campanha de erradicação de favelas no DF, em 1971.

É na Ceilândia que existem projetos como o Jovem de Expressão e a Casa Inclusão que buscam, por meio de oficinas e cursos das mais diferentes áreas, com foco nas áreas artísticas, garantir que jovens e adultos das periferias do DF tenham acesso a saúde e formas de inclusão social. Projetos como esses, democratizam o acesso à cultura e a espaços culturais, buscando reduzir desigualdades que, muitas vezes, são o maior motivo para que um jovem negro se insira no universo da criminalidade.

Apesar de sempre ser noticiada como um lugar de violência, a cidade possui um grande potencial sociocultural, além de ter locais importantes para se contar a história do Distrito Federal como a Praça da Bíblia, local muito frequentado e conhecido pelos moradores da cidade por ser palco de eventos voltados a poesia e musicalidade, e a Casa do Cantador, símbolo da história dos nordestinos que vieram de longe construir a capital e que por aqui fizeram seu lar.

O fato de não aparecer no caderno de cultura, faz com que os brasilienses, sobretudo a classe média e média alta, criem em seu imaginário que a Ceilândia é um lugar onde não existe nada além da violência urbana. Esse pensamento, potencializa o medo não só de ir visitar o lugar, o que não é algo que fariam naturalmente, como também, o medo em relação aos moradores da região. É nesse lugar de medo sobre os moradores que o racismo se encaixa, uma vez que as maiores vítimas dessa aversão são os moradores negros ceilandenses. Segundo Rocha (2017, p. 9), "este medo vendido pela mídia cria a diferenciação entre a ordem e a desordem, transmitindo ao leitor de classe média que ele é um cidadão

diferenciado, que não se identifica com a barbárie em que os favelados estão inseridos".

### 2.2.2 A representação midiática afrodescendente

Historicamente, a população negra brasileira sempre fora representada a partir de um lugar de subsistência, raras são às vezes em que são falados e relacionados a uma classe econômica que não à extrema pobreza. O retrato do favelado violento, sobretudo os moradores negros, sustenta-se há bastante tempo na mídia popular nacional, muito antes até mesmo da palavra favela existir no noticiário.

A construção do estigma do morador da favela como um indivíduo à margem da sociedade teve influência ainda da lei vigente no começo do século, que classificava de vagabundo todo aquele que não tinha domicílio fixo, posição na qual os favelados se enquadravam. (Rocha, 2017, p.10)

A humanização desses corpos – nesse caso, uso *corpos* porque é o fenótipo que se leva em conta ao tecer um primeiro julgamento sobre alguém ser negro – se perde quando retratados, nas poucas vezes em que possuem esse espaço de representação, sempre neste lugar de subalternidade. Uma vez que passam a serem resumidos somente à violência do local que residem, apagando e ofuscando todo o resto que não esteja relacionado a dor e criminalidade.

Os estereótipos derogatórios sobre minorias raciais<sup>5</sup> expressam então entendimentos sobre os lugares que os diversos grupos sociais devem ocupar, as supostas características dessas pessoas, os limites da participação delas na estrutura política, a valoração cultural que eles podem almejar e ainda as oportunidades materiais às quais podem ter acesso. (Moreira, 2019, p.63).

Retratar corpos negros sempre nesse lugar de violência também é uma forma de perpetuar o racismo na sociedade, uma vez que, as pessoas sempre irão relacionar esses corpos ao crime e ao perigo pois não veem esses corpos atrelados a outros assuntos nos jornais. "A invisibilidade dos afrodescendentes na mídia ou até mesmo a distorção dos seus retratos é resultado do racismo presente na própria sociedade, contribuindo para mecanismos de exclusão social" (Menezes e Tizzo, 2013, p. 163).

---

<sup>5</sup> Minorias políticas, seguindo a definição do Sociólogo Mendes Chaves (1971) de serem "um grupo de pessoas que de algum modo e em algum setor das relações sociais se encontra numa situação de dependência ou desvantagem em relação a um outro grupo, 'maioritário', ambos integrando uma sociedade mais ampla" e não minorias numéricas.

Quando nasce uma criança negra na periferia, sobretudo se for um menino, para as outras pessoas seu futuro já está traçado e nele, só há dois caminhos, cadeia ou caixão. Como lembra Vilma Reis em “Atucaiados pelo Estado: as políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações” (2005):

Nesse lastro, a chamada “guerra às drogas”, que se desenhou nos anos 1990 e virou política de Estado no século XXI, no Brasil, sustenta o que vou denominar de Sistema Colonial Atualizado de Vingança Contra Negros e Negras, que o estado brasileiro se arvora a chamar de Sistema Prisional e Sistema de Justiça Criminal. De fato, esses artefatos funcionam como álibis institucionalizados para matar e prender em massa, exatamente nesta ordem, nos levando à hipótese de que quem não está preso, já foi morto. (Reis, 2005, p.5)

Para uma parcela da sociedade, a única forma de um preto favelado mudar de vida é por meio do crime. Se os corpos mais exibidos nesses jornais são os de pessoas negras, para Ferro (2012, p.74), o telejornalismo brasileiro não faz mais que corroborar com esse seu destino preestabelecido.

A parcela que vive na linha de pobreza do país é formada por grupos marginalizados, dentre eles, a população negra que constitui a maior parte, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no último censo divulgado, pretos e pardos compunham 55,5% da população que se encontrava na linha da pobreza nacional. Isso é o resultado que se colhe devido aos séculos de exploração que sofreram, e que, mesmo após conquistarem a libertação das “mãos” daqueles que os escravizavam, ainda não possuíam aquilo que realmente os fariam livres de fato, dinheiro e, sobretudo, poder. “O negro permanece sendo notícia, salvo raríssimas exceções, nos mesmos espaços que sempre lhe foi reservado. É o criminoso e carente, por um lado; e o cidadão (negro) de sucesso, o exemplo de superação, por outro.” (Borges e Borges, 2012, p. 36)

Se o negro geralmente é retratado como o bandido, “o vilão”, nesses telejornais, a polícia é “o herói”, que combate a violência em prol da segurança da população, utilizando de todos os meios para que a tranquilidade e paz da população seja preservada. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 82,7% das vítimas de morte por policiais no país são negras, essas mortes raramente são noticiadas e, quando noticiadas, pouco geram revolta.

A ideia de execução por defesa pode não ser a única explicação possível para esses acontecimentos, porque talvez a execução não seja uma questão de bandidos ou inocentes, ou de leis, mas se remete à formação sócio-histórica brasileira, que tem a morte negra como parte de sua constituição. (Junior, 2020, p.371)



A imprensa, e a mídia no geral, é uma das principais formas de controle social. Como já falado antes, ela possui o poder de definir quem pode ser retratado e, principalmente, a forma como isso será feito a partir do viés editorial de quem a comanda. Para Borges (2022), a mídia é “um campo privilegiado de forças e disputas pela hegemonia e pelo processo dialético de produção de consentimento, que reflete e refrata tais forças e disputas no nosso cotidiano”.

### 2.3 Linguagem e persuasão

A linguagem, dentre muitas conceituações, é uma forma de interpretação para “se referir ao mundo ou para servir de referência a ele” (Hall, 2016, p.43), a partir da sua inserção em determinada cultura. Dentro desse estilo de telejornal, ela desempenha um dos pontos principais para que estereótipos raciais e sociais fiquem presos na mente do telespectador e, assim, perpassam por todas as criações de opinião que terão sobre uma determinada pessoa ou local.

Nessa pesquisa, será chamada de linguagem, todo o conjunto de artifícios utilizados pelo telejornal *DF Alerta* em seus Videotapes (VTs) sobre a Ceilândia (que serão analisados posteriormente). Entender os mecanismos de linguagem utilizados pelo jornal é de suma importância uma vez que, segundo Moraes (2016), a mídia como um todo ao mesmo tempo que relata e descreve um fato, “julga, orienta o julgamento e a execução dos atos.”

[...] Os apresentadores enfatizam este aspecto ameaçador do entorno social com muita força. Os programas, portanto, afirmam constantemente o medo gerado pela violência que nos cerca. Como resposta, os apresentadores pedem repetidas vezes por leis mais fortes e por um policiamento mais amplo e mais bem preparado e equipado. (Romão, 2013, p.15).

A partir do jogo de palavras utilizado, o sentido da fala do apresentador ou até mesmo da tarja da matéria (aquelas frases que aparecem na tela dando um resumo do que se trata a notícia) pode afetar a forma como as pessoas que estão assistindo irão se afetar com a notícia e, também, a forma como elas irão basear sua opinião sobre determinado tema. Para Hall (2016):

Assim como o discurso “rege” certas formas de falar sobre um assunto, definindo um modo de falar, escrever ou se dirigir a esse tema de forma aceitável e inteligível, então também, por definição, ele “exclui”, limita e restringe outros modos. (Hall, 2016, p.80)

Assim, a realidade, na verdade, é uma criação a partir de fragmentos baseados nos recortes da notícia feita pelo jornal. Com isso, a relação e reações do telespectador com e sobre determinado assunto, no caso desta pesquisa as notícias sobre a Ceilândia, será construída com base no viés que o telejornal possui e que foi aplicado durante a estruturação da notícia. De acordo com Moscovici (2007):

A própria linguagem, quando ela carrega representações, localiza-se a meio caminho entre o que é chamado de a linguagem de observação e a linguagem da lógica; a primeira, expressando puros fatos - se tais fatos existem - e a segunda, expressando símbolos abstratos. Este é, talvez, um dos mais marcantes fenômenos de nosso tempo - a união da linguagem e da representação. (Moscovici, 2007, p. 46)

A popularização do jornalismo policial muito se dá devido a sensação de proximidade que o público, sobretudo a classe mais baixa da sociedade, possui em relação ao conteúdo exposto. Os sensacionalismos utilizados nesses programas atingem uma parte importante para que haja a conexão do público com o jornal, a emoção.

Mais do que criar vínculo com o telespectador, a linguagem do jornal busca fazer da violência ainda mais rentável. A morte e a violência como um todo vende e, essa mercantilização não é culpa somente do jornalismo e da comunicação, mas de toda uma questão cultural da sociedade brasileira e sua fascinação pelo grotesco<sup>6</sup>. Santos (2006) aponta que:

Na cultura oral brasileira está presente desde as suas origens afro-indiano-portuguesa, por meio de uma escatologia que vê o homem como parte de uma natureza manifesta em ritmos cíclicos, recorrentes, e qualquer desacerto, injustiça ou aberração deveria ser vista como uma alienação do estado natural. (Santos, 2006, p. 51)

Essa comercialização de temas mais violentos, faz com que os jornais adotem formas para que se vendam cada vez mais notícias como essa, afinal de contas, vivemos em um sistema onde o que importa no fim das contas é gerar dinheiro, a problemática disso para Camargo (2023, p.8) é que a banalização da violência nessas formas de mídia leva a uma naturalização do consumo por parte do público em casos antes considerados hediondos e incabíveis.

---

<sup>6</sup> Aqui seguindo a definição do dicionário de Oxford: O que se presta ao riso ou à repulsa por seu aspecto inverossímil, bizarro, estapafúrdio ou caricato.

### **3. METODOLOGIA CIENTÍFICA**

#### **3.1 Natureza e objetivo da pesquisa**

Tendo em vista que o tema desta monografia é analisar como o jornal influencia a opinião de seus telespectadores sobre aquilo que transmitem, a partir dos recursos de linguagem utilizados pelo telejornal, pode-se dizer que a natureza deste é básica, pois não necessariamente há uma proposta para aplicação de alguma fórmula que possa resolver o problema apresentado, mas sim um estudo que irá ajudar e gerar conhecimentos sobre um assunto pouco explorado na comunidade acadêmica jornalística brasileira. Para Prodanov (2013, p. 126), a pesquisa científica de natureza básica é aquela em que procura “gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista”.

O intuito não é resolver e responder todas as questões que existem ou que possam ser geradas após leitura sobre o tema, mas justamente instigar e servir como base para que novos trabalhos acadêmicos sobre o assunto surjam tanto para aprofundamento da questão levantada quanto para que também possam ser construídos trabalhos que refuta o que aqui foi apresentado.

Como dito, o tema é pouco abordado nos trabalhos de pesquisa da área, por isso, a base desta pesquisa é a exploratória, pois a partir dela pode surgir a oportunidade de aprofundar a temática em outros projetos. Prodanov (2013, p.127) diz que um dos objetivos da pesquisa exploratória é “proporcionar maior familiaridade ao problema, tornando-o explícito ou construindo hipótese sobre ele”. Na introdução foi levantada uma hipótese e ao longo do desenvolvimento os autores puderam que só será, de fato, validada ou não após a análise dos dados

#### **3.2 Abordagem**

A subjetividade, um dos focos da pesquisa qualitativa, está muito presente ao longo do desenvolvimento deste trabalho, pois o objeto de estudo é a percepção do indivíduo em relação aos moradores de Ceilândia, a partir da representação feita pelas notícias de um jornal policial, ou seja, é algo que não pode ser mensurado numericamente. Por se tratar de um trabalho em que os dados coletados e, posteriormente analisados, serem influenciados por fatores sociais, a pesquisa

qualitativa foi considerada a melhor forma de alcançar os objetivos desejados, pois a ideia é entender e analisar o efeito das formas de linguagem utilizadas pelo *DF Alerta* na construção de estigmas sobre os moradores negros ceilandenses.

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (Silveira e Córdova, 2009, p. 33).

Buscando trabalhos de pesquisadores cujo objeto de pesquisa é a representação midiática, percebi a necessidade de entrar em áreas como a psicologia para entender a forma como as pessoas recebem e reagem ao estarem expostas a essas representações. Por isso, não somente utilizei de autores e pesquisadores da Comunicação, como também da Psicologia e da Sociologia.

### **3.3 Coleta dos dados**

O Distrito Federal possui um pouco mais de 2,8 milhões habitantes, segundo o Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF). Por isso, seria impossível entrevistar todos os moradores para esta monografia, portanto, os entrevistados nesta pesquisa serão parte de uma amostra por acessibilidade, desde que estejam dentro do recorte escolhido para análise. Vale salientar que não necessariamente essa amostra será precisa e que não será utilizada para mensurar algo estatisticamente.

Dito isso, a forma de coleta de dados escolhida foi através de aplicação de questionário, isso porque há possibilidade de receber e chegar em informações mais detalhadas individualmente que poderão ser melhor categorizadas e, assim, analisadas posteriormente. A ideia inicial era fazer entrevistas com os moradores do DF mas, por questões de logística de tempo, foi decidido que um formulário seria a melhor forma de conseguir essas respostas.

O que diferencia basicamente a entrevista do questionário é que a primeira é sempre realizada face a face (entrevistador mais entrevistado); também pode ou não ser realizada com base em um roteiro de questões preestabelecidas e até mesmo impressas, enquanto o segundo, necessariamente, tem como pré-requisito a elaboração de um impresso próprio com questões a serem formuladas na mesma sequência para todos os informantes. (Prodanov, 2013, p.106)

Para que as respostas obtidas e, até mesmo, as perguntas do questionário fiquem coerentes (no caso das perguntas) e possam ser bem aproveitadas (no caso

das respostas), será necessário fazer uma análise de, pelo menos, 1 semana do telejornal *DF Alerta* para notar alguns pontos como a linguagem, a forma de se portar e a vestimenta da apresentadora, com um olhar de pesquisadora, um olhar mais crítico, e não somente como uma mera telespectadora.

#### **4. ANÁLISE DOS DADOS**

Os dados para esta pesquisa foram coletados e analisados de duas formas: por meio da análise de conteúdo, a fim de entender como aquilo descrito no decorrer do desenvolvimento se aplica, na prática, no *DF Alerta* e da análise de percepção para entender e verificar se a hipótese proposta por mim no início do trabalho se sustentaria ou não, através da interpretação das respostas obtidas por entrevistas feitas por questionário.

##### **4.1 As reportagens**

Para a análise de conteúdo, foram analisados dois programas por semana ao longo do mês de março de 2023. A escolha dessa data se deu por dois fatores, a dificuldade em acessar na íntegra os programas completos durante o mês de junho de 2021, quando aconteceu o caso do assassinato de quatro membros da mesma família cometido por Lazaro Barbosa, que ficou conhecido como o “Caso Lazaro” e o número de crimes cometidos no ano de 2023 na cidade de Ceilândia.

Ao analisar o Balanço Criminal de 2023, divulgado pela Secretaria de Estado de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF), notei que o mês em que mais ocorreram registros de crimes na região administrativa de Ceilândia foi durante o mês de março<sup>7</sup>. Por isso, escolhi analisar 2 programas semanais, preferindo sempre o de segunda-feira e o de sexta-feira, durante todo o mês de março.

As segundas pois fazem um apanhado do que aconteceu durante o final de semana sem exibição do jornal e às sextas que são o encerramento da semana. Por esse motivo, as análises foram de nove programas no total, já que o primeiro dia do mês de março caiu em uma quarta-feira.

**Figura 3** – Balanço criminal anual da SSP/DF

---

<sup>7</sup> O critério utilizado para esse resultado foi a soma do total de crimes violentos letais intencionais (CVLI) como assassinatos e dos crimes contra o patrimônio (CCP), roubos e furtos.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA SUBSECRETARIA DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO														
BALANÇO CRIMINAL RA IX - CEILÂNDIA COMPARATIVO MENSAL 2023 - POR NATUREZA														
EIXOS INDICADORES	NATUREZA	TOTAL	2023											
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1. C.V.L.I. - VIOLENTOS LETRADOS INDICÍCIAS	HOMICÍDIO	48	5	3	1	6	1	6	2	3	2	6	7	6
	LATROCÍNIO	1												1
	LESÃO CORPORAL SEG. DE MORTE	0												
	<b>1.TOTAL C.V.L.I.</b>	<b>49</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>7</b>
2. C.C.P. - CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO	ROUBO A TRANSEUNTE	2342	213	195	259	223	249	174	189	176	154	185	167	158
	ROUBO DE VEÍCULO	232	21	22	16	30	14	19	15	24	15	21	16	19
	ROUBO EM COLETIVO	55	2	14	3	6	5	1	2	5	2	4	8	3
	ROUBO EM COMÉRCIO *	80	10	8	6	5	5	4	9	7	9	4	5	8
	ROUBO EM RESIDÊNCIA	21	1	2	4	2	1	3		1	1	2	1	3
	FURTO EM VEÍCULO	637	36	45	55	60	51	54	51	56	59	64	55	51
<b>2. TOTAL C.C.P.</b>	<b>3367</b>	<b>283</b>	<b>286</b>	<b>343</b>	<b>326</b>	<b>325</b>	<b>255</b>	<b>266</b>	<b>269</b>	<b>240</b>	<b>280</b>	<b>252</b>	<b>242</b>	
<b>TOTAL CRIMES (CVLI + CCP)</b>		<b>3416</b>	<b>288</b>	<b>289</b>	<b>344</b>	<b>332</b>	<b>326</b>	<b>261</b>	<b>268</b>	<b>272</b>	<b>242</b>	<b>286</b>	<b>259</b>	<b>249</b>
3. OUTROS CRIMES	TENTATIVA DE HOMICÍDIO	84	4	7	6	7	4	5	10	8	11	9	9	4
	TENTATIVA DE LATROCÍNIO	19	1	4	1	2	3	1	2		1	1	2	1
	ESTUPRO	120	13	7	11	6	11	13	8	10	13	10	10	8
	FURTO A TRANSEUNTE	334	34	21	24	35	40	30	23	29	25	28	20	25
<b>3. TOTAL OUTROS CRIMES</b>	<b>557</b>	<b>52</b>	<b>39</b>	<b>42</b>	<b>50</b>	<b>58</b>	<b>49</b>	<b>43</b>	<b>47</b>	<b>50</b>	<b>48</b>	<b>41</b>	<b>38</b>	
4. PRODUTIVIDADE POLICIAL	TRÁFICO DE DROGAS	392	31	32	45	36	40	27	37	26	22	28	33	35
	USO E PORTE DE DROGAS	550	69	29	49	54	59	47	39	37	40	37	37	53
	POSSE/PORTE DE ARMA	168	12	14	23	18	9	14	13	15	9	12	14	15
	LOCALIZAÇÃO DE VEÍCULO FURTADO OU ROUBADO	433	44	45	43	37	34	30	29	47	26	30	36	32
	<b>4. TOTAL PRODUTIVIDADE POLICIAL</b>	<b>1543</b>	<b>156</b>	<b>120</b>	<b>160</b>	<b>145</b>	<b>142</b>	<b>118</b>	<b>118</b>	<b>125</b>	<b>97</b>	<b>107</b>	<b>120</b>	<b>135</b>

Fonte: Banco Miterum - COOMESPISGSSPDF  
Obs: Dados do ano 2023 atualizados em 02/05/2024, pela data do fato, estando sujeitos a alterações.  
\* Obs. 2: Foram agrupadas as naturezas de roubo em comércio, a casas lotéricas e a postos de combustíveis.

Fonte: Secretaria de Estado de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF)

Para a análise foi levado em conta critérios gerais – como um padrão do jornal – sendo eles, o vestuário do apresentador e dos repórteres e as trilhas sonoras utilizadas e, também, critérios específicos sobre as reportagens da Ceilândia, nesse caso, foi avaliado a duração dos VTs, as sonoras e adjetivos utilizados, comentários feitos pelos repórteres e âncoras, ilustras (imagens que aparecem durante as falas dos repórteres) das matérias e, para uma análise mais aprofundada, o gênero e a raça dos suspeitos.

Uma das coisas analisadas ao longo dos nove programas assistidos foi que, os VTs geralmente possuíam o mesmo tempo de duração de cinco minutos, as raras exceções possuem menos de três minutos. Os VTs, em sua maioria, são compostos por passagens dos repórteres em frente à delegacia responsável pela investigação do caso e, quando há, sonoras dos policiais envolvidos na operação.

Observei que nas reportagens não são utilizadas falas de outros especialistas ou pessoas que presenciaram o crime, diferente da pluralidade de fontes que é o esperado do jornalismo. Além disso, em duas das nove reportagens o âncora termina agradecendo o trabalho do batalhão e dos policiais que trabalharam no caso. Um detalhe observado é que todos os repórteres possuem um bordão para

fechar as suas reportagens, sempre reforçando o compromisso do jornal com a verdade e com o combate à criminalidade.

Em todas as edições do jornal assistidas, a Ceilândia foi a protagonista de, pelo menos, uma reportagem por programa. A maioria dos casos eram acerca de roubo e tráfico de drogas. O que chama atenção é que na única abordagem da cidade para falar uma denúncia sobre racismo<sup>8</sup> contra uma professora em uma escola pública, o VT teve menos de 3 minutos de duração e o âncora do jornal naquele momento, Bruno Fonseca, mais conhecido pelos telespectadores como Brunoso, fala que o rapaz deveria apanhar quando chegasse em casa pela “brincadeira sem graça” (Fonseca, 2023, online).

Nesse mesmo programa, houve mais dois VTs sobre a cidade e, em um deles, foi a primeira vez que assisti a uma entrevista com alguém que não fosse um policial e/ou delegado do caso<sup>9</sup>. A entrevista foi com uma vítima de uma tentativa de assalto que aparentava embriaguez quando foi à delegacia pedir ajuda, por estar bêbada a entrevista e a reportagem em si foi satirizando a vítima e seu estado, como se quisessem retirar a credibilidade do depoimento da vítima por estar bêbada.

Em um programa anterior ao da exibição do caso de racismo, o VT sobre a Ceilândia foi um caso de roubo a uma clínica odontológica onde os acusados eram um casal de jovens negros<sup>10</sup>. Durante os comentários após a exibição da matéria, o âncora Bruno, taxa os acusados de usuários de droga e diz que “estão atrás de coisa pra roubar para comprar droga” (Fonseca, 2023, online). Além disso, o apresentador Wagner Relâmpago, começa a comentar sobre o cabelo crespo de uma das acusadas de forma irônica juntamente com os outros dois personagens do programa, em determinado o apresentador fala que o cabelo da jovem “está só o bagaço” (Relâmpago, 2023, online) e é apoiado pelos colegas de programa.

Os ilustras utilizados pelo telejornal na maioria dos VTs são imagens das câmeras de segurança do local e dos objetos apreendidos, enviadas pela polícia civil/militar, nas raras vezes que se usam imagens dos suspeitos, não possuem tanta

---

<sup>8</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/live/dZv7Zz7fpDk?si=1taAoBvcaS400vG7> (TC: 17'24"; 19'25")

<sup>9</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/live/dZv7Zz7fpDk?si=1taAoBvcaS400vG7> (TC: 1'03"58"; 1"08"50')

<sup>10</sup> Ver em: [https://www.youtube.com/live/qaaWjVbS2Zg?si=PEpe7MDgt5xfOg2\\_](https://www.youtube.com/live/qaaWjVbS2Zg?si=PEpe7MDgt5xfOg2_) (TC: 27'40"; 32'58")

nitidez e nem mostram o rosto do suspeito. Nas nove edições assistidas, somente em uma, o acusado apareceu de forma clara e nítida.

A reportagem em si se tratava de um caso de roubo seguido de agressão mas o motivo ficou controverso entre a fala da repórter e, também, do âncora que dizem se tratar de uma desavença sexual com comentários sugestivos “O cabra vai lá se envolve com a pessoa e depois bate no outro porque talvez não recebeu o ‘trem’” (Fonseca, 2023, online) e a fala da polícia do caso que diz “na verdade, tinha sido um desacordo comercial e que ele tomou o celular do indivíduo por essa situação” (Martins, 2023, online), em nenhum momento ao longo do jornal foi esclarecido nada sobre essa reportagem que, de longe foi a mais longa assistida por mim, com 9 minutos, onde em pelo menos 3 ficaram ironizando e satirizando a imagem do acusado, que era um homem negro<sup>11</sup>.

Os âncoras, e repórteres algumas vezes, raramente se referiam aos acusados com esse termo propriamente dito, tampouco usavam suspeitos. A partir disso, comecei a observar os nomes utilizados para se referir ao acusado e, nas 15 reportagens analisadas para essa pesquisa, a palavra mais utilizada para se referir aos personagens<sup>12</sup> das reportagens foi vagabundo/vagabundos sendo utilizadas 10 vezes.

**Figura 4** – Nuvem de palavras mais utilizadas nas reportagens

---

11 Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=OXdcAXsJln4&list=PLqD-gdYAv4twuTKcm9FspeZZojaaP1G3X&index=12> (TC: 6’51”; 14’16”)

<sup>12</sup> Segundo o dicionário Oxford: Pessoa que é objeto de atenção por suas qualidades, posição social ou por circunstâncias. Nesse caso, a atenção que recebe devido às suas ações.





Fonte: Arquivo pessoal de Alanna Nascimento

Um aspecto em comum de todas as edições do telejornal é o uso de uma trilha sonora sempre num tom de suspense/terror como abertura das matérias enquanto mostram os ilustras<sup>13</sup>. Além disso, músicas de fundo que tem como tema embriaguez ou uso de drogas também são utilizadas no jornal, muitas vezes a pedido do âncora, para ironizar o acusado da reportagem sendo algo quase teatral.

#### 4.2 A percepção dos brasilienses

Para aprofundar mais a pesquisa, além de analisar o conteúdo, decidi entrevistar dez moradores do Distrito Federal, sendo eles, cinco residentes da Ceilândia e 5 residentes das demais regiões administrativas, sendo elas, Asa Norte, Itapoã, Jardim Botânico, Núcleo Bandeirante e Sobradinho. Essas entrevistas foram feitas por meio de questionário online para entender tanto a distribuição do consumo desse jornal, quanto o impacto dele nessas pessoas, vale lembrar que essa pesquisa não possui caráter quantitativo, logo, as respostas obtidas não buscam representar a opinião de toda a população brasiliense.

A pesquisa foi realizada com entrevistados de diferentes idades, tentando assim ver como o jornal é consumido por cada faixa etária e qual a opinião dessas pessoas sobre os jornais. As faixas etárias foram divididas de forma que os

adolescentes, os jovens-adultos e adultos fossem devidamente organizados, inicialmente a busca por pessoas com mais de 60 anos foi feita, mas, não foi possível encontrar pessoa disponível para uma entrevista, e, por isso, considerei aqui adultos com mais de 40 anos a parte mais velha.

Entre os jovens de 18 a 25 anos, todos responderam que já assistiram alguma vez ao jornal, porém, a maioria não assiste mais por falta de tempo ou por não se sentirem confortáveis com o conteúdo apresentado pelo jornal. Já entre os adultos de 26 a 39 anos, a maioria assistiu já ao jornal, apenas duas entrevistadas responderam que nunca assistiram. Apenas uma das pessoas que responderam sim ao questionamento não assiste ao jornal com frequência. A única pessoa com mais de 40 anos declarou que raramente assiste ao jornal.

**Figura 5** – Distribuição de faixa etária e audiência dos entrevistados.

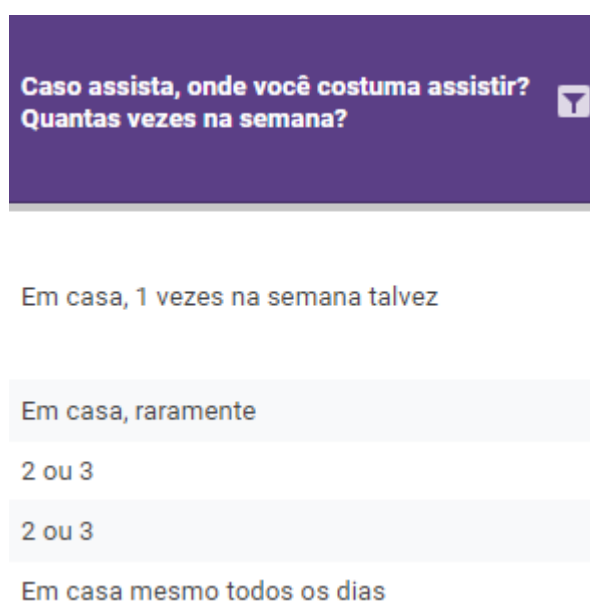
Idade	Você já assistiu alguma vez ao jornal?
18 a 25 anos	Sim
26 a 30 anos	Sim
31 a 39 anos	Não
40+	Sim
31 a 39 anos	Sim
26 a 30 anos	Não
18 a 25 anos	Sim
18 a 25 anos	Sim
26 a 30 anos	Sim
18 a 25 anos	Sim

Fonte: Questionário sobre o telejornal produzido pela autora

Existe uma visão mais crítica de jovens-adultos sobre o jornal, apesar de concordarem que é um meio de informação mais fácil. A maioria dos jovens com até 25 anos responderam que já assistiram ao jornal, apontaram algum fator do jornal que os incomoda e, por isso, não assistem mais. Coincidentemente ou não, são pessoas que possuem pelo menos a escolaridade básica completa, alguns cursando o nível superior. A educação é um dos pilares para a construção de um pensamento mais crítico sobre a sociedade, os estereótipos e os paradigmas sociais que se aprende culturalmente passam a ser questionados diariamente a partir do momento em que você se conecta e passa a ter acesso à informação.

Esse telejornal só é consumido quando estão em casa e, tirando uma das entrevistadas que assiste todos os dias, não possuem uma rotina de assistir ao jornal, sendo uma vez na semana no máximo – o que pode ser uma representação de como o jornal não gera tanta identificação com essas pessoas, e, por isso, não será a escolha de programa dessas pessoas, principalmente, durante o almoço.

**Figura 6** – Consumo do jornal por quem assiste



Fonte: Questionário sobre o telejornal feito pela autora

Uma das coisas vistas com o resultado das entrevistas é que, dos entrevistados, todos que moram em regiões mais afastadas do Plano Piloto e que são consideradas periferias de Brasília, consomem ou já consumiram pelo menos uma vez ao telejornal e todos assistiram quando estavam em casa. As duas pessoas que responderam que não assistem ao jornal moram em áreas mais próximas ao

Plano Piloto, uma delas respondeu que não tem costume de assistir televisão e que não conhece o jornal; a outra disse que não assiste pois não tem televisão no trabalho.

Pensar no consumo desse telejornal a partir do recorte de classe, a única outra entrevistada que deu uma resposta negativa sobre a questão, mora na Asa Norte, região que compõe o Plano Piloto e que, socialmente, está associada a pessoas que possuem uma renda maior e que, conseqüentemente, possuem outras formas de passar o tempo além de sentar-se na frente de uma tela e assistir notícias sobre um local que não esteja habituada a ir.

**Figura 7** – Distribuição de local e audiência dos entrevistados

Cidade	Você já assistiu alguma vez ao jornal?
Ceilandia	Sim
Jardim Botanico	Sim
Asa Norte	Não
Ceilandia	Sim
Sobradinho	Sim
Itapoã	Não
Núcleo Bandeirante	Sim
Ceilândia-DF	Sim
Ceilândia	Sim
Ceilândia	Sim

Fonte: Questionário sobre o telejornal feito pela autora

A partir da figura acima, é possível perceber que todos os moradores da Ceilândia já assistiram o jornal alguma vez. Ao serem questionados se acham que o

jornal retrata bem o cotidiano vivido na Ceilândia e como se sentiam em relação a isso, as respostas não seguiram o mesmo padrão, alguns acham que retratam, outros acham que há um exagero na forma como são expostos os casos da cidade. Isso varia, pois, cada pessoa vai ter uma visão diferente da realidade na Ceilândia a partir do bairro em que mora e sua exposição à violência urbana diariamente.

Já entre os moradores das demais cidades, nenhum soube responder se realmente retrata a realidade da cidade, enfatizando a questão do contato com o dia a dia da cidade. De Sobradinho, uma das cidades citadas na entrevista, até a Ceilândia são quase 43 km de distância. Dificilmente uma pessoa faria esse caminho para ir até a cidade sem necessidade obrigatória como, por exemplo, trabalho.

**Figura 8** – Opinião de quem já assistiu o jornal e associação a corpos/locais

Você acha que o jornal retrata bem o cotidiano vivido na Ceilândia? Como se sente em relação a isso?	Você já associou algum crime narrado no jornal à alguma cidade específica? Como você se sentiu com isso?	Alguma vez assistindo à uma reportagem ou ouvindo alguém contar sobre a história, você já imaginou o suspeito de uma forma e, quando mostraram, ele não era da forma como você imaginou? Qual foi sua reação após isso?
Sim, a precariedade e a criminalidade da nossa região infelizmente se sobressai, porém, o programa promove muito um cenário apocalíptico sobre nós, quem mora na região sabe que não é bem assim.	Sim	Sim.
Não sou capaz de opinar	Não	Sim. Fiquei surpresa
Sim, a realidade da nossa cidade	Sim, me sinto insegura pois não podemos confiar	Sim. Fico perplexa com a situação com o fato ocorrido, a gente se engana com as pessoas
Não sei	Não	Não
Talvez. Indiferente	Não	Não
Não sei	Muitos dos crimes que passam nos jornais do df, eu sempre vejo que é pelas cidades do entorno de Brasília	Sim
Sim retrata	Sim	Sim
Acredito que o DF Alerta exagera o cotidiano da Ceilândia, focando na violência, o que me causa desconforto.	Sim, já associei crimes a certas cidades e me senti desconfortável, pois reforça estereótipos negativos sobre esses locais.	Sim. Fiquei surpresa e percebi como estereótipos influenciam nossa percepção.

Fonte: Questionário sobre o telejornal feito pela autora

Apesar disso, a maioria já associou o crime a uma cidade e forma física específica. O que mostra que, apesar de não terem uma opinião sobre a cidade em si, o subconsciente montou uma persona específica que pode, e geralmente vai, ser relacionada a esse tipo de reportagem.

Quando se trata da opinião sobre o que o jornal como um todo representa, a grande maioria fala que é apenas um meio de comunicação, mas, algumas pessoas usaram palavras como “sensacionalistas”, “enquadramento” e “caluniosas” para se

referirem às notícias dadas por esse jornal. Outros não possuem opinião alguma sobre o jornal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprofundar sobre o conceito de representações midiáticas e entender um pouco mais sobre como se aplica o conceito dentro do cenário midiático brasileiro vai além de uma análise de como a grande imprensa atual se comporta sobre determinados temas: busca entender como a mercantilização da notícia afeta diversos setores da sociedade. Dentro do jornal *DF Alerta*, após cada reportagem exibida, o repórter faz uma propaganda de alguma marca/produto, o que torna evidente o quão comercial é o jornal.

Achar referências bibliográficas sobre jornalismo policial foi até que "simples", porém quando se trata do Distrito Federal e das periferias da cidade, a falta de material disponível tornou a escrita desse trabalho ainda mais desafiadora para mim. Falar sobre a representação desses espaços do DF também é romper a visão de que essa cidade se resume somente a elite política do país. Gostaria que fosse em uma abordagem diferente, mas, infelizmente, as representações midiáticas da periferia, majoritariamente, são como locais de violência e criminalidade.

Ao longo dessa pesquisa, pude explorar e entender as bases que moldam o jornalismo policial, além disso, pude analisar a forma como os entrevistados se envolviam com o jornal e foi assim que percebi que não há uma padronização de consumo e as pessoas não vão ser impactadas da mesma forma pelo jornal. Não existe uma forma exata - apesar de que pode ser que haja, sim, um perfil do consumidor diário desse tipo de telejornal - do telespectador desse tipo de programa.

As pesquisas e estudos acadêmicos sobre representações midiáticas e os sensacionalismos dentro de um jornal policial ajudaram a basear os critérios para análise dos programas. Pensar de qual forma seria a ideal para analisar se, de fato, os aspectos descritos ao longo dessa monografia estavam presentes nesse telejornal em específico. E assistindo aos programas foi possível notar que sim, o jornal possui características de sensacionalismo que acabam transformando as notícias em um espetáculo para o telespectador.

Ainda sobre as reportagens do programa, o acesso aos programas completos na íntegra realmente foi difícil, eles até possuem um canal no YouTube que possuem os trechos das reportagens separadas em *playlists* mas a organização dessas

playlists mais dificulta do que facilita o acesso a esse conteúdo. Além disso, quando terminei de assistir a todos os nove programas, a sensação que tive foi de que o jornal funciona mais como um meio de promover a imagem positiva da polícia civil e militar do que relatar a "realidade" das ruas.

Mas para essa pesquisa, apenas a minha opinião não era o suficiente. Por isso, foram realizadas entrevistas por meio de formulário com moradores tanto da Ceilândia quanto das demais áreas administrativas do DF e, de todo o trabalho, essa foi a parte mais desafiadora. A princípio, a ideia era que as entrevistas ocorressem de forma presencial e somente com moradores de duas áreas que compunham o Plano Piloto (Asa Norte e Asa Sul), porém logo a ideia caiu pois, assim como a entrevista mostrou, moradores dessas cidades mais ao centro do DF não consomem esse tipo de jornal e, também, o prazo era muito curto e fazer entrevistas presenciais (demandaria um tempo maior ainda pois ficaria refém da disponibilidade de horário das fontes).

O processo de procurar fontes em si foi um pouco complicado e demorado, o que me deixou apreensiva pois era cada vez menos tempo para analisar os dados e, também, a incerteza das respostas que iriam ser dadas. Apesar disso, à medida em que fui encontrando os personagens para minhas entrevistas, em grupos do *Facebook* e também com a colaboração de conhecidos que às vezes indicavam pessoas que poderiam servir como fontes, as análises foram se desenvolvendo e o resultado obtido foi satisfatório.

Nas entrevistas deu para perceber que o telejornal é uma forma que as pessoas que moram nas periferias têm de se informar: um contraponto do jornal pois, apesar de mostrar somente a violência é um dos poucos que mostram cidades periféricas de Brasília, a necessidade de se sentirem representados afasta ou aproxima telespectadores.

Por fim, acredito que posso dizer que após essa pesquisa, a hipótese levantada no início da monografia pode, sim, ser comprovada. O fato de os telespectadores acharem que o retrato do jornal é condizente com a realidade, mostra uma certa banalização e a normalização da violência na cidade da Ceilândia. Essa normalização impacta diretamente na forma como esses cidadãos vão ser



tratados em outros espaços da cidade – deixando um ciclo social de estigmas e preconceitos sobre corpos negros.

## REFERÊNCIAS

ABREU, L.F.; BORGES; R.F.C. **O espaço destinado a mulher negra no telejornalismo: sub-representação no telejornalismo brasileiro.** In: Revista Iniciacom, v. 11, n. 2. São Paulo, 2022.

BORGES, R.C.S; FERRO, R. et al. **Mídia e Racismo.** In: BORGES, R.C.S; BORGES, R. (org). ABPN. Petrópolis, 2012.

CAMARGO, J.P. **A mercantilização da violência na mídia: reflexões sobre a produção e consumo de narrativas criminais jornalísticas na sociedade contemporânea com base em Byung-Chul Han.** Intercom. Goiânia, 2023.

CÓRDOVA, F.P. et al.. **Métodos de Pesquisa.** In: GERHARDT, T.E.; SILVEIRA; D.E. (org.). Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2009.

CORNILS, P.; MORAES, R. et al. **Padrões de manipulação na grande imprensa.** In: PERSEU, A. Fundação Perseu Abramo, 2ª edição. São Paulo, 2016.

CUNHA, A. **O jornalismo participativo como território partilhado: práticas e narrativas.** Comunicação Pública, 17(33). Brasil, 2022.  
<https://doi.org/10.34629/cpublica.476>. Acesso em: 22 de outubro de 2024.

FRAZÃO, S. M.; BRASIL, A. **A participação do telespectador na produção da notícia em telejornal: transformação do processo noticioso e da rotina profissional.** Brazilian journalism research, [S. I.], v. 9, n. 2, p. 112–129, 2013. Disponível em: <https://bjr.emnuvens.com.br/bjr/article/view/577>. Acesso em: 22 de outubro de 2024.

GUARESCHI, P. **Mídia e Democracia: o quarto versus o quinto poder.** In: Revista Debates, v.1, nº 1. Porto Alegre, 2007.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre manipulação da identidade deteriorada.** Editora LTC, 4ª edição. Rio de Janeiro, 2004.

HALL, S. **Cultura e representação.** Editora Apicuri; Ed. PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2016.

JUNIOR, J. **O “equivoco” como morte negra, ou como “naturalizar” balas racializadas.** Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, UFRJ. Rio de Janeiro, 2020.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia.** Insular, 3ª ed. Santa Catarina, 2001.

MELO, C.T.V; VAZ, P. **Guerras culturais: conceitos e trajetórias.** In: Revista Revista Eco-Pós, v. 24, n. 2. Rio de Janeiro, 2021.

MENEZES, K.; TUZZO, S. A. **Cidadania, racismo e mídia: a identidade do negro.** IN: Revista Comunicação & Informação, v. 16, n. 1. Goiânia, 2013.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Vozes, 5ª ed. Petrópolis, 2007.

MOREIRA, A. **Racismo recreativo**. Pólen. São Paulo, 2019.

PRODANOV, C. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Universidade Feevale, 2ª edição. Rio Grande do Sul, 2013.

PERIAGO, F. R. **O Perfil do Repórter de Telejornal Policial no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

POSTMAN, N. **Amusing ourselves to death: Public Discourse in the Age of Show Business**. Penguin Books. New York, 1985.

REIS, V. **Atuados pelo Estado: as políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2005.

ROCHA, D. G. **Imagens Cristalizadas: A construção de estereótipos sobre a favela**. In: Revista Mídia e Cotidiano, v. 11, nº 3. Rio de Janeiro, 2017.

ROMÃO, D. M. M.. **Jornalismo policial: indústria cultural e violência**. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

SANTOS, M. I. A. **Telejornalismo do grotesco: Telejornal Aqui e Agora**. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação), Universidade Paulista. São Paulo, 2006.

SSP/DF, Secretaria do Estado de Segurança Pública do Distrito Federal. **Balanco criminal RA IX-Ceilândia**. Distrito Federal, 2023.

SEPEDA, F.M.B. **A PERIFERIA E O JORNALISMO POLICIAL PARAENSE: As construções e percepções de moradores do bairro do Guamá**. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação), Instituto de Letras e Comunicação, Universidade do Pará. Pará, 2020.

SOARES, R. L. **Sutileza e grosseria da exclusão nas mídias**. Alameda Editorial. São Paulo, 2020.

TRAQUINA, N. **Porque as notícias são como são**. Insular Livros, 1. ed. Florianópolis, 2020.